



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia
de posse do Presidente da Associação Comercial de São Paulo**

Clube Monte Líbano – São Paulo – SP, 27 de março de 2003

Meu querido governador Geraldo Alckmin,
Meu caro Alencar Burti,
Meu caro companheiro Guilherme Afif Domingos,
Meu caro companheiro de trabalho Ciro Gomes, ministro de Estado da
Integração Nacional,
Meu caro e velho amigo Cláudio Lembo, vice-governador do estado de São
Paulo.

Senhor deputado Sidney Beraldal, presidente da Assembléia Legislativa do
estado de São Paulo,

Meus amigos e companheiros deputados federais,
Senhores e Senhoras, secretários e secretárias de Estado,
Senhores deputados estaduais,
Prefeitos e vereadores que prestigiam esta solenidade,
Meu caro companheiro Rui Falcão, secretário de Governo da Prefeitura de
São Paulo,

Meu caro Oded Grajew, companheiro que ajuda a coordenar os programas
sociais,

Senhores diretores e senhores membros da Associação Comercial de São
Paulo e da Federação.

Senhores e senhoras empresários,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu não vou ler o meu discurso.

Eu senti a necessidade de falar de improviso com vocês.



Eu quis participar desta festa por três razões. Primeiro, pela importância do que representa essa entidade para o Brasil e para o estado de São Paulo. Segundo, para demonstrar o carinho que eu tenho pelo companheiro Afif. E, terceiro, pelos compromissos que, numa conversa que teve comigo, em Brasília, o Afif demonstrou assumir à frente da Federação e da Associação. Tudo isso me motivou a vir a esta posse, antes de partir para Campo Grande.

Eu queria dizer a vocês que tem gente que quer governar uma cidade, um estado ou um país, para marcar o seu nome na História ou, quem sabe, construir uma biografia. Eu acredito que todos que pensam assim ou que pensaram, fracassaram antes de começar.

Fiz questão de declarar, durante a campanha eleitoral, todos os compromissos que eu entendia que poderiam ser cumpridos. Todos. Desde aqueles que eu assumi nas portas de fábricas, fazendo comício, até os que eu assumi com as associações comerciais, com os empresários, em todos os debates de que participei. Eu dizia que ia fazer exatamente o que tantos já prometeram fazer e não fizeram. E eu dizia que ia fazer, não porque tinha maioria no Congresso Nacional, porque a maioria se constrói. Eu afirmava que ia fazer, porque tinha a decisão política. Se não fizermos as coisas de que o Brasil precisa, este país não dará o salto de qualidade que precisa dar.

Eu me lembro do primeiro debate na CNI, do qual participaram Ciro Gomes, José Serra, Anthony Garotinho e eu. E me lembro que eu disse para todos os empresários – possivelmente alguns nem acreditaram porque diziam: “esse Lula vai tomar posse e o Brasil vai entrar numa bancarrota. Ele não fala nem inglês, como é que quer governar o nosso país?” – então eu disse que iria preparar uma proposta de política tributária e de reforma da Previdência Social que, no segundo semestre, iria entrar no Congresso Nacional.

As coisas andaram tão bem até agora que nós não vamos mais esperar o segundo semestre, vamos dar entrada nas duas propostas de reforma agora, no mês de abril. E isso, porque tive o prazer e o privilégio de convocar uma reunião que



eu considero a mais memorável reunião que um Presidente da República fez com os governadores de Estado. O Geraldo Alckmin sabe a gratidão que eu tenho com os governadores porque, em dois dias, o Presidente da República e os 27 governadores assinaram a “Carta de Brasília”, que dá a base para que possamos fazer essas reformas.

Essas reformas têm que ser feitas, senão o Brasil não dá o salto de qualidade que precisa dar. Essas reformas têm que ser feitas, não para prejudicar ou privilegiar alguém, elas têm que ser feitas para se fazer justiça social, tanto nos tributos quanto na Previdência Social. Elas vão ser feitas porque a sociedade inteira reivindicou, nos últimos 15 anos, que elas teriam que ser feitas.

Eu disse na CNI, em junho do ano passado, que a reforma tributária não tinha sido feita porque não tinha havido um maestro capaz de juntar todos os pensamentos antagônicos e construir um consenso em torno de algo que fosse bom, não para este ou para aquele setor da sociedade, mas para o Brasil.

Agora eu pretendo fazer um gesto, com a concordância dos governadores: de sairmos, eu e os 27 governadores do Palácio do Planalto, atravessarmos a pé aquela rampa e entregarmos pessoalmente as propostas de reformas ao Congresso Nacional. Aí é que vamos precisar de vocês. Porque, eu não gosto muito quando ouço um empresário dizer “eu não faço política”, porque direta ou indiretamente, muitos de vocês que estão aqui e outros milhões que não estão, têm a ver com cada deputado, que tem a ver com cada governante eleito neste país.

Portanto, quando esse processo chegar à Câmara dos Deputados, eu acho, meu querido Afif, que a Associação Comercial de São Paulo, e quem sabe as associações do Brasil inteiro, terão o papel muito importante de ir ao Congresso para colaborar com o que precisa ser feito pelas entidades de classe e cobrar de todos os parlamentares a votação daquilo que é de interesse do conjunto da sociedade.

Mas não vamos parar por aí, vamos fazer também uma reforma na estrutura sindical brasileira, vamos fazer uma reforma na legislação trabalhista. E vamos fazer, não para prejudicar alguém, nós vamos fazer porque de vez em quando é



preciso que a gente tenha a capacidade de atualizar as relações entre capital e trabalho e a legislação que rege essa relação. Nós queremos fazer isso na perspectiva de facilitar a criação de empregos que o nosso país precisa.

Vocês sabem que, durante a campanha, eu dizia: Nenhum país do mundo irá se desenvolver se as taxas de juros oferecidas pelo Governo, a troco dos seus títulos, forem maiores do que as taxas de lucros advindas da produção. Eu dizia, como candidato, e quero reafirmar como Presidente da República: nós temos que ter como objetivo reduzir as taxas de juros no nosso país. Mas vocês também sabem que não é uma coisa que se faz com um estalar de dedos ou um passe de mágica.

O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, criou uma frase que eu tenho repetido: “O Brasil é como se fosse um transatlântico e em transatlântico a gente não dá “cavalo de pau”. É preciso que a gente cuide da economia brasileira, que a gente primeiro recupere o que o país não pode perder, que é a confiabilidade daqueles que investem internamente e externamente. É preciso recuperar a confiabilidade daqueles que têm potencial de investimento na geração de empregos. E é preciso, sobretudo, fazer com que a inflação não volte a crescer.

Houve quem pensasse: “Não, Lula chamou um médico para ser ministro da Fazenda, não pode, tem que ser um economista.” Quem disse que tinha que ser economista? Um médico pode ter mais sensibilidade, até porque os números com que trata o ministro da Fazenda, não podem ser vistos como meras estatísticas. Cada vez que um ministro olha um número, ele tem que se lembrar que ali há uma criança, um homem, uma mulher, que serão vítimas ou que ganharão, se ele souber tratar aqueles números. E por isso coloquei o meu companheiro Antônio Palocci para ser ministro da Fazenda.

Quero chamar a atenção daqueles que agem com pessimismo a vida inteira. Este país, ano passado, tinha uma taxa de risco de 2.400 pontos básicos, duas vezes mais que a da Colômbia, que está quase em situação de guerra. O dólar, ano passado, chegou a quase 4 reais. Obviamente que tem gente que gosta, mas para o país não é bom, pode ser bom para um segmento. E vocês sabem que a inflação



tinha voltado a crescer.

Eu já peguei o vício Afif, na minha mesa tem um computador. E eu que nunca me interessei em ficar vendo se a Bolsa sobe ou desce, se o dólar cai ou sobe, se o risco cai, agora eu, fico olhando direto. Tem gente que até reclama: “puxa, eu vim aqui para conversar e o senhor não pára de olhar no computador”.

Acho que o Brasil está dando uma chance a si mesmo. Não é possível que um país que tem a estrutura produtiva empresarial que tem o Brasil, que tem a estrutura comercial que tem o Brasil, que tem a base intelectual que tem este país, seja analisado, de quando em quando, por uma agência no exterior. E lá, é possível, que as pessoas nem conheçam o Brasil e nos coloquem atrás de países que não têm 20% do potencial de crescimento do Brasil.

Eu descobri uma coisa: este país não precisa apenas de emprego, de salário, de combate à fome. Este país precisa, primeiro, recuperar a auto-estima de 175 milhões de brasileiros.

Vamos ser francos. Alguns de vocês, em algum momento da vida, imaginaram que eu pudesse ir a Davos? Algum de vocês, algum dia, imaginou que eu pudesse ser o Presidente mais aplaudido na história de Davos? Sabem por quê? Porque, antes, nós tínhamos tido uma reunião ibero-americana, com todos os países da América Latina. E comecei a perceber que os governantes do Terceiro Mundo agem como se fossem inferiores: nós somos sempre “coitadinhos”, estamos sempre procurando um culpado para as nossas causas.

E nós, países do continente sul-americano, costumamos jogar a culpa de tudo o que acontece no nosso país em cima dos países ricos. Obviamente, em algumas coisas eles têm culpa. Por exemplo, a barreira tarifária que eles impõem aos produtos agrícolas brasileiros é um prejuízo muito forte para o nosso país. Quando os Estados Unidos sobretaxam o aço, obviamente que estão nos prejudicando. Mas o que nós fazemos para que sejamos respeitados e tratados em igualdade de condições? Qual é a lógica da nossa política de relação comercial? Estamos há quantos anos mantendo uma média de 26% na relação comercial com a



Europa, com a União Européia, e 25% com os Estados Unidos, e o restante, com a América do Sul e com o mundo asiático?

Ora, se temos canais obstruídos na Europa e nos Estados Unidos, primeiro, temos que ter coragem de brigar de verdade na Organização Mundial de Comércio, para que o Brasil tenha os seus direitos respeitados, como têm outros países.

Quando montei o Ministério, havia gente que dizia que não tínhamos quadros para montar o Governo. Eu não precisava de quadros. Eu estava montando um Governo. E coloquei, nas duas áreas importantes – agricultura e indústria –, duas pessoas: Luiz Furlan e Roberto Rodrigues. Nunca perguntei a que partido eles eram filiados. Nunca perguntei em que candidatos eles votaram e nunca perguntei em quem eles vão votar no futuro.

A única coisa que disse a eles foi o seguinte: o nosso país tem que ter do mundo um respeito do tamanho dos nossos sonhos e das nossas aspirações. Vocês dois vão ter que vender bem este Brasil lá fora. Não vender, como foi vendido em alguns casos de privatização, mas vender os nossos produtos, vender a nossa imagem, vender a nossa tecnologia, vender a nossa cara. E isso eu acho que os dois estão fazendo, com uma competência invejável para muitos que já passaram pelo Governo. É surpreendente para mim não só a boa vontade, a competência, mas a determinação.

Resolvi levar para os Ministérios três governadores experientes. E um deles está aqui, o companheiro Ciro Gomes. Resolvi levar o que a gente tinha de melhor na área social, porque esse é o problema que temos que enfrentar. Porque, se é verdade que nenhuma economia do mundo vai para a frente se os juros oferecidos pelo Governo forem maiores do que as taxas de lucro advindas da produção, é verdade também que não há na História da Humanidade nenhum país no mundo que foi para a frente sem antes investir na educação do seu povo.

E por que, muitas vezes, isso não foi feito? Isso não foi feito porque, no Brasil, sempre se passou a idéia de que o Estado era poderoso e tinha que fazer tudo. Eu estou convencido de que o papel do Estado deve ser o papel muito mais de indutor



do que de executor.

O Estado pode induzir as coisas a acontecerem neste país. Por isso nós constituímos o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, com 82 empresários e trabalhadores. A crítica da imprensa não foi por que eu tinha colocado mais trabalhadores do que empresários, a crítica foi de que o meu Conselho tinha mais empresários do que trabalhadores, e lá no Conselho também ninguém foi perguntado a que partido pertencia, a que central sindical pertencia, qual a sua religião ou qual a sua origem. Nós convocamos personalidades e com eles queremos discutir as reformas de que este país precisa.

As coisas estão acontecendo, mas tem gente muito apressada. A gente tem que fazer as coisas com cautela. Quando a gente é de oposição, pode fazer bravata porque não vai ter que executar nada mesmo; agora, quando você é Governo, você tem que fazer, e aí não cabe a bravata, é melhor você contar até 10 e refazer o que você ia fazer, do que fazer errado e ter que voltar atrás.

Nós estamos bem conscientes do nosso papel. Primeiro, recuperar o desenvolvimento do nosso país. É uma coisa que todos nós queremos. O Afif falou aqui em facilitar a abertura de uma empresa. No Brasil, hoje, até que abrir uma empresa não é tão difícil, duro é a gente ficar contabilizando dois milhões de empresas sem saber que 300 mil já não existem mais e as pessoas não vão fechá-las porque não têm dinheiro para fechar as empresas. Desburocratizar o país é uma necessidade para apressar o processo de transformação que nós queremos.

Nós vamos enfrentar o debate, vamos conversar, vamos dialogar, o que não pode é continuarmos na iniciativa privada com 17 bilhões de reais, pagando aposentadoria para 19 milhões de pessoas e, no setor público, só no governo federal, nós gastamos 23 bilhões de reais para atender 900 mil pessoas. Não é possível!

Eu quero, com isso, fazer justiça, até porque eu não tenho que pensar em quem já tem 50 anos, eu tenho que pensar que se a gente não reformar o Estado agora, daqui a 20 anos não haverá mais dinheiro para pagar a aposentadoria de



ninguém, e sabe o governador Alckmin, sabe o governador Aécio Neves, sabe a governadora Rosinha, que todos os estados irão à falência, e, em alguns casos, até primeiro que o governo federal.

Por que, então, que eu teria que mexer com isso? Eu estou mexendo com a minha base, eu estou mexendo com os sindicalistas que votaram em mim. Por que eu estou fazendo isso? Eu poderia “empurrar com a barriga” mais 4 anos, pois um mandato de 4 anos, dizem, a gente nem percebe e ele já acaba. Por que eu estou fazendo isso? É porque um Presidente da República não tem que pensar no seu mandato, ele tem que pensar no seu país, e pensando no seu país ele tem que fazer as coisas que devem ser feitas.

Eu acredito, Afif, que grande parte das políticas que o Governo tem que fazer não será feita se vocês não assumirem. O Governo pode ser parceiro, da mesma forma que eu acredito que grande parte das políticas sociais que o Governo tem que fazer só acontecerá, Padre Zezinho, se a sociedade organizada assumir, se a Igreja assumir, os católicos, os evangélicos, os sindicatos, as Associações Comerciais. Existe uma rede organizada e pronta.

O ministro Ciro Gomes estava numa reunião do Ministério, quando eu dizia ao meu companheiro, ministro da Educação, Cristovam Buarque, que era preciso fazer um acordo, porque assim, como está, não é possível. Eu sobrevoei de helicóptero, esses dias, do aeroporto de Brasília até o Palácio da Alvorada: eu nunca vi tanta piscina em minha vida. E nesta época está frio, ninguém estava na piscina. Mas o pior é que você tem vários clubes. Você tem Clube do Exército, Clube da Aeronáutica, Clube da Marinha, Clube das Nações, Clube do Banco do Brasil, Clube da Caixa Econômica, Clube do Congresso Nacional, e muitos outros. E a 20 quilômetros daqueles clubes, que ficam fechados de segunda a sexta, vivem milhares de crianças pobres, que nunca viram uma piscina e, quem sabe, morrerão sem ver uma piscina. Por que não aproveitar essa estrutura que está pronta e colocar essas crianças para utilizar essas praças esportivas e dar a elas a oportunidade – porque se não dermos o crime organizado vai dar, o narcotráfico vai



dar e aí ficará muito mais caro tentar recuperar essas crianças. Então, nós não temos que fazer, nós temos que tentar aproveitar o que já está feito.

Cada cidade do interior, governador, você conhece melhor que eu, tem clubes enormes. Os governantes constroem verdadeiros ginásios para 20 mil pessoas, para ter um jogo, uma vez por ano, de uma seleção brasileira, para ter um jogo, às vezes, duas vezes por ano. E de segunda a domingo, mês após mês, aquilo fica vazio, não acontece nada. As várzeas deste país estão cheias de campos que não são utilizados para nada: só no domingo se joga um pouquinho.

Então, nós precisamos começar a entender o seguinte: como é que faz uma dona de casa, uma mulher, com o pouco dinheiro que ela tem? O homem até que pode gastar mais, pode querer tomar cerveja, mas a mulher, não. A mulher, se ela tiver 10 reais e precisar de 10, ela não joga um centavo fora. O que o Governo tem que fazer? Tem que ter criatividade. O Ciro, em nossas conversas, diz o seguinte: o ideal para qualquer governante do mundo seria governar um país pequeno com um PIB americano. Aí, como você tem muito dinheiro, você se dá ao luxo até de gastar muito em guerra, quando poderia gastar na paz, combatendo a fome no Terceiro Mundo, na África, em outros lugares.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que os Estados Unidos atacariam muito mais o terrorismo fazendo política social, do que tentando fazer essa guerra que estão fazendo.

Então, se nós não temos muito dinheiro, nós temos que ter criatividade.

O que pode ser feito com o pouco que nós temos? Como é que vive o trabalhador brasileiro há tanto tempo com um salário mínimo tão pequeno? Ele faz o que pode e eu acho que o Governo vai fazer o que pode, neste primeiro ano, para fazer o que precisa ser feito no segundo. E vocês vão ter belíssimas surpresas. Primeiro eu me levanto cada dia mais otimista, por mais que as coisas pareçam feias, em função da guerra. Não há um dia em que eu não me levante com a certeza de que nós vamos dar a volta por cima e este país vai voltar a crescer do jeito que precisa. A gente vai reduzir os juros do jeito que precisa reduzir e vai fazer a política



social do jeito que ela precisa ser feita. E vamos combater o crime organizado.

Combater o crime organizado não é combatê-lo como se tentava perseguir o Meneghetti, quando era o bandido mais famoso de São Paulo, quando não se tinha conhecimento de violência. O crime organizado é uma indústria. Ele tem o seu braço político, seu braço empresarial, seu braço no Judiciário, seu braço internacional, seu braço em tudo quanto é lugar. Como é que vamos fazer?

É preciso que a gente esteja à altura desse combate. Estar à altura desse combate significa investir corretamente num processo de melhoramento da nossa Polícia, de melhoramento da nossa Inteligência, e cuidar para evitar que o narcotráfico comece a passar a idéia de que a vítima é o “coitadinho” que é pego. A televisão mostra, todo dia: “A Polícia Federal pegou, no aeroporto de Cumbica, em São Paulo, 300 quilos de cocaína.” Aí, aparece meia dúzia de “carazinhos” lá, de “tilápias”, sempre “bagrinhos”. Você não sabe para onde ia e nem de onde vinha, e não sabe quem é o responsável por aquilo, e o assunto desaparece do noticiário. Aí, passam mais cinco meses, a Polícia pega um grande carregamento de maconha no aeroporto de Recife. Aparecem os “bagrinhos” outra vez. Você não sabe para onde vão e não sabe de onde vieram.

Na verdade, quem é pescador, aqui, sabe que um peixe grande demora mais para se pegar. O Maluf é pescador, ele sabe que pegar um lambarizinho é mais fácil do que pegar um pintado, do que pegar um jaú.

Então, nós precisamos estar preparados para entender que no combate ao crime organizado e ao narcotráfico tem que se pegar os peixes grandes deste país, em águas profundas. E aí não pode haver vacilação. E eu queria pedir a vocês, se alguém ainda vacila que, por favor, assista ao filme “Carandiru”, vocês vão ter noção do que eu estou falando. Quem está lá, na verdade, é um bando de miseráveis que não tiveram oportunidade na vida e, possivelmente, as causas que os levaram para a cadeia não foram discutidas em nenhum momento, na História deste país.

Enquanto isso, o “tubarão”, aquele que não mora no porão, mas em cobertura, aquele que não mora no Grajaú, mas em outros lugares, está aí



recebendo homenagens, às vezes ocupando cargos importantes, como aquele coronel do Acre, o Hildebrando, que era coronel da Polícia Militar. Ele era deputado federal, com passaporte diplomático! Não é chique? Um indivíduo com passaporte diplomático, coronel da Polícia, e depois você descobre que ele era o mandante de vários crimes, a ponto de mandar cortar gente ao meio, no estado do Acre. Quantos estão assim na nossa Polícia, fora dela, na nossa sociedade e em outros países? Temos que enfrentar isso. Uma parceria entre um governador, um Presidente ou um prefeito tem que ser um compromisso da Nação no combate ao crime organizado.

E nós estamos preparando a nossa proposta, Alckmin, para tentar, junto com os governadores, numa reunião com o secretário de Segurança, mudar o ritmo da nossa atuação no combate ao crime organizado, porque nós não vamos permitir que as pessoas honestas deste país fiquem com medo de sair à rua à noite, enquanto os bandidos perambulam às sete da manhã, assaltando pessoas honestas que vão trabalhar. Nós vamos ter que ser duros para que possamos dar às pessoas honestas o direito de ir e vir.

Eu fico imaginando o seguinte: todos vocês, que forem pegar um avião agora, aqui, em Congonhas, para ir para o Rio de Janeiro, terão que passar numa máquina de raio-x, para saber se vocês têm alguma arma. Há advogado que não quer que seja utilizada, para visita ao bandido, aquela máquina na qual ele deve passar. E é uma briga que vamos ter, senão, como é que nós vamos consertar este país?

Por isso, meu caro Afif, eu venho aqui, não à posse do Presidente de duas instituições importantes como a Federação e a Associação. Eu quero registrar aqui, para os anais desta Casa, que venho à posse de um parceiro que, não tenho dúvida nenhuma, vai contribuir, independentemente das nossas posições político-partidárias, para darmos ao Brasil uma chance de se transformar na grande Nação que todos nós sonhamos desde quando respiramos nosso primeiro ar, quando saímos do ventre da nossa mãe. Todos nós aprendemos que o Brasil era o país do futuro. E se a gente olhar as estatísticas, faz 30 anos que a massa salarial não cresce neste país. Se a gente analisar bem, a violência cresceu muito mais. Então,



em alguns casos andamos para trás.

Os governantes de 120 países assumiram um compromisso, em Roma, em 1996, de que em 2015 iriam diminuir 50% da fome no mundo. Como ninguém fez nada, agora a ONU teve que refazer os cálculos e somente em 2050 é que vão acabar com 50%. É por isso que eu coloquei a fome como fundamento. Porque uma pessoa sem comer não trabalha, uma pessoa sem comer não estuda, uma pessoa sem comer fica feia, vai ficando deformada, vai tendo atrofiamento no cérebro. Se a pessoa não ingerir vitamina A, como em Pernambuco foi detectado, alguns anos atrás, não consegue enxergar sequer o que está no quadro negro. E há experiências fantásticas, Afif, para resolver este quadro.

Esses dias, telefonou-me a Viviane Senna, dizendo que queria me comunicar que ela e mais 100 empresários assumiram a responsabilidade de reintroduzir, no estado de Pernambuco, 1 milhão de crianças que estão num processo de repetência muito grave.

A Pirelli assumiu, com o governo federal e o governo do estado do Acre, a responsabilidade de, em 3 anos, alfabetizar todo o estado. O Grupo Pão de Açúcar veio nos visitar e anunciou não só que vai colocar toda a sua rede para captar alimentos e distribuir, como vai gerar 600 empregos. A Volkswagen não só dá um carro e dois caminhões para o Fome Zero, como resolve criar 600 empregos e assumir a responsabilidade de, para cada carro vendido, a Volkswagen a concessionária e o banco financiador vão dar um quilo de alimento para este país. A Nestlé está fazendo a campanha que vocês estão vendo. A Scania me procurou ontem, dizendo que vai contribuir, vai adotar uma cidade para cuidar.

Eu vi você agora falar do primeiro degrau, nós vamos lançar o programa Primeiro Emprego. Eu fico imaginando um país que tem a gente que nós temos, com a disposição que nós temos. Só não dá certo se os governantes atrapalharem. É por isso que eu tenho surpreendido muita gente. Possivelmente eu já tenha feito mais reuniões com empresários, meu caro Mário Amato, do que os outros governantes fizeram nos últimos 10 anos.



E vou chamar segmento por segmento do setor empresarial, já falei com o Afif, nós ainda vamos estar reunidos com todas as associações comerciais do Brasil, vamos estar reunidos com os empresários, como já nos reunimos com os usineiros, como já nos reunimos com os madeireiros, com a indústria automobilística, setor por setor, neste país.

No final do meu mandato, ninguém vai dizer: “Olhe, eu tinha uma boa idéia e não consegui apresentar para o Governo.” Quem tiver idéia, por favor, tire das gavetas porque o Governo quer usar todas as boas idéias em benefício das boas causas e acabar com a miséria neste país.

Muito obrigado e felicidades, meu caro Afif.

[/rss/cms/lrj](#)